

# Perversão como laço social 3

---

---

Amparo Caridade\*

## RESUMO

O termo perversão é polissêmico. Vou referi-lo aqui primeiramente, conforme a psicanálise, enquanto desvio em relação ao ato sexual, também enquanto traço que compõe a sexualidade normal. Portanto, uma dimensão da psiquê humana. A seguir quero referi-lo como uma conduta que encerra uma fantasia de vingança; por fim, considero a perversão como um comportamento que se entrelaça com o cotidiano das pessoas, seja nas relações com o social seja em relação ao sexual. Objetivo pontuar nessa abordagem, que é o indivíduo que é perverso, e que a perversão sexual é uma das expressões do modo de ser perverso.

Falar de perversão no sentido leigo da palavra, é remeter o imaginário pelo terreno de condutas sexuais esdrúxulas e inaceitáveis. Contudo, a partir da psicanálise, adquiriu-se a compreensão de que há um caráter desarmonioso na sexualidade humana, e que a conduta perversa permeia nossa sexualidade adulta, na alcova ou no social, na transgressão como na per-

---

\* Psicóloga.  
Recebido em 10.05.01

missão. A psicanálise refere-se à perversão como desvio em relação ao ato sexual, quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais como nos casos de (bestialidade, pedofilia, necrofilia) ou através de outras zonas erógenas (fetichismo, travestismo, escopofilia, exibicionismo, sado-masiquismo). São condutas chamadas de perversão por serem maneiras atípicas de obtenção do prazer sexual, modos fixos e exclusivos de satisfação. Freud revelou no entanto, que há algo de perverso presente em toda sexualidade adulta dita normal: “*A disposição para a perversão não é algo de raro e de singular, mas uma parte da chamada constituição normal*” (Freud, Três Ensaios sobre a Teoria Sexual). A partir da psicanálise, ficamos conhecendo também, que quase todo objeto ou função corporal pode ser erotizado e que os impulsos eróticos são uma fonte interminável de construções engenhosas e mesmo assombrosas.

Muitos termos surgiram para nomear a conduta perversa, talvez na tentativa de amenizar os sentidos morais e patológicos que lhe foram atribuídos. Robert Stoller (1998) psiquiatra e professor da Universidade da Califórnia, refere que o termo perversão, define melhor o que se quer dizer da conduta. Os demais termos como parafilias, desvios, variações, são por ele considerados como neutralizados, amortizados, higienizados, saneados e não indicam o que é essencial na perversão. Este termo, segundo ele, contém uma qualidade que é fundamental se entender, que é a sensação de pecado, de pecar. Esse pecado corresponderia a uma hostilidade que visa humilhar e subjugar os outros. Stoller considera que o desejo de humilhar, é um tema que está presente e é essencial no erotismo, como se a fantasia de causar dano, contivesse um certo gozo, se constituísse numa pequena parte da experiência erótica total de uma pessoa. O pecado é o desejo inconsciente de magoar, ferir, ser cruel, degradar, humilhar alguém. A gente se pergunta a serviço de que se colocaria tamanha engrenagem da imaginação perversa. “*Ao objetivo de converter um trauma infantil em triunfo adulto, pensa Stoller (1998: 19)*”. Como? A questão da perversão é vista por ele, como um caminho para a superação de traumas e conflitos infantis ocorridos. Por isso o ódio integra a mecânica que gera as fantasias perversas. O fio central da perversão seria então uma *fantasia de vingança*, de violação, de machucar. Sua tese é a de que “*a perversão é composta de uma história na qual alguém é ferido*”. Ao ferir, humilhar, a pessoa se vinga de ter sido humilhada, ferida, magoada, na vida. Encontra-se no entanto diferenciações para o termo perversão e perversidade, mesmo que tenham a mesma raiz etimológica. Perversões são compreendidas mais em função dos desvios relativos ao sexual. A perversidade refere-se mais aos desvios de conduta, à personalidade do sujeito.

Há uma estética do mal, do patético que se faz presente na conduta perversa, pensa Stoller. Em geral referimo-nos à estética como algo que trata do belo e da beleza, mas a idéia é mais complexa. A beleza pode ser para sempre, mas as coisas que a representam podem não ser. Estilos e gos-

tos são criados, aprendidos, não nascidos. A dinâmica que subjaz à estética pode ser a mesma, na pintura, na culinária, no humor, na jardinagem, na defecação ou na excitação erótica. “A construção da excitação erótica é toda ela tão sutil, complexa, inspirada, profunda, fluida, fascinante, aterradoradora, problemática, imersa no inconsciente e assombrada pelo gênio quanto a criação de sonhos ou arte” diz Stoller, (1998: 60).

Para ilustrar essa estética do mal, ele cita uma monografia (não publicada), com uma curiosa pesquisa acerca de homens que se excitam com mulheres amputadas, e que se denominaram *amelotatistas*, ou seja, homens que têm inclinação por pessoas desprovidas de um ou mais membros. Na pesquisa há cruzamentos de esdrúxulas preferências. “Uma só perna, amputada acima do joelho, é de fato a modalidade mais popular, mas há outro requisito: a portadora deve ter um coto remanescente”. A idéia da “perna única amputada no quadril teve maior preferência do que a perna dupla acima do joelho, com cotos. A presença de cotos é mais importante do que o número de membros amputados” (Stoller, 1998: 63). Claro que é natural que alguém se excite com uma pessoa portadora de qualquer tipo de deficiência. O que está em jogo nesse exemplo é a idiossincrasia com que os “amelotatistas” se excitam. O detalhe de sua preferência erótica pela presença de cotos, mostrando a amputação, não indicará um desejo (inconsciente) de diminuir, de humilhar o outro? A pesquisa é curiosa em detalhes sórdidos dessa ordem. Por real ou imaginativa que ela seja, o que aqui fica insinuado é o gosto inconsciente de humilhar o outro, de subjugá-lo.

Mas tal estética está aí, na mente dos participantes, como criação para embaçar ou evitar a realidade, para simular algum aspecto dessa realidade, enfeitando-a ou driblando-a. “Realidade demais é exatamente demais” (Stoller, 1998: 67). Seria realidade demais admitir, talvez, que se quer humilhar o outro, mas admitir que se excita com as presenças de seus cotos, é mais tolerável. A segurança na ilusão estética protege do perigo na realidade. Uma certa distância é segura. “Para a maioria de nós, a realidade sem adornos agrediria nossos olhos” (Idem, 73). Só uma aproximação com rodeios é possível. Eles funcionam no sentido de alterar a realidade.

A perversão não é necessariamente escancarada. Falando da inexplicável solidez de certos casais perversos, Clavreul (1990) diz: “Para o observador assombrado, um dos maiores motivos de surpresa será observar como podem conciliar-se uma extrema delicadeza com o desrespeito total do outro que a prática perversa implica” (Clavreul, 1990:123). É uma prática que pode ser sutil, onde se age como se nada estivesse acontecendo. Mas ela pode estar permeada por um tipo de violência silenciosa, mascarada, pela qual o indivíduo pode destruir o outro sem que haja uma só gota de sangue ou um gesto mais brutal. “Uma palavra contundente é algo que pode matar ou humilhar, sem que se sujem as mãos. Uma das grandes alegrias da vida é humilhar seus semelhantes” diz Desproges (citado por

Hirigoyen, 2000:09). É importante considerar que a perversão instala-se no par, pois a conduta perversa requer a cumplicidade do outro, que se deixa levar, se deixa siderar. Um faz recortes no corpo do outro e este se oferece como um corpo despedaçado. Não se trata de dois sujeitos mas de dois corpos despedaçados, assujeitados.

Na conduta perversa perpassa uma noção de abuso que começa com abuso de poder, passa pelo abuso narcísico e pode chegar ao abuso sexual, numa invasão progressiva do território psíquico do outro. Perpassa também a idéia de desvio, de excesso, de transbordamento de limites. Neste sentido o termo aproxima-se de *pathos*, paixão. “*O contexto sociocultural atual tolera a perversão e com isso permite que ela se desenvolva* (Hirigoyen, 2000:12). Tolerância que é, muitas vezes, uma falta de limites. A autora entende que a perversão não é uma perturbação psiquiátrica, mas fruto de uma racionalidade fria associada a uma incapacidade de considerar o outro. Lembro fatos recentes da política brasileira em que senadores violam abusivamente o painel de votação, invadindo, ferindo a cidadania o direito de sigilo do voto. Nenhuma violência visível se esboçou, ninguém sujou as mãos de sangue, mas a dignidade do cidadão foi ferida. É possível identificar aí o gozo perverso do exercício de um poder desmedido, abusivo, invasivo da privacidade, da cidadania, numa completa desconsideração ao outro.

Em Calligaris a idéia de perversão é a de que ela é mais uma patologia social do que sexual, e que a formação perversa constitui mesmo o núcleo da nossa vida social. Nosso laço social seria uma montagem perversa. Num artigo seu “**A sedução totalitária**” (1991), comenta o caso de Rudolf Hoess, comandante de Auschwitz, que se defendia do processo de Nuremberg, e se “justificava” escrevendo: “*Eu era um funcionário exemplar*”. Nossa questão se colocaria para ele assim: “mas como ele podia gozar matando assim?” Sua resposta foi a de que, seu gozo era ser um funcionário exemplar, mas para isso ele estava disposto a matar pessoas. Essa auto-defesa de Hoess, não é muito diferente daquela do assaltante que, recentemente deixou uma carta “justificando” que, seu roubo de R\$ 700.000,00 reais era insignificante diante dos tantos bilhões roubados por ilustres senadores, ministros e deputados, e que por isso ele esperava não ser punido. Será possível avaliar quem é mais perverso? Rudolf Hoess que mandava matar pessoas no Campo de Concentração, o assaltante que deixa uma carta irônica, os estupradores mais recentes na mídia Marcelo e Alan, cujas maldades são sem medida, ou os políticos que roubam o país e violam painéis em eleições? Quem goza mais com suas perversões? Os exemplos aqui trazidos mostram ora um perverso obediente que diz “eu faço o mal se for necessário”, um perverso cínico que diz “eu faço porque você também faz”, ou perversos que diriam “eu faço por que tenho o poder”. Em todos o gozo com o mal, é semelhante.

Socialmente o termo perversão é bastante pejorativo, recende a pecado, a malignidade, iniquidade. Mas é, paradoxalmente, muito estimulado. Certas produções que se pretendem artísticas são um estímulo à perversão. A produção musical, por exemplo. É preocupante como certos artistas contemporâneos, que polarizam intensos atrativos, podem estar tornando-se emblemas perigosos. Tomo por exemplo a autoria da música “*Tapinha não dói*”, que é na verdade um grande tapa na nossa inteligência. A meu ver a música é uma dessas que compõe o cenário da violência simbólica e do estímulo à perversões. Numa veiculação aparentemente inofensiva, ela implanta idéias ofensivas; ela pode servir de estímulo à reedição de antigas estratégias de opressão da mulher. Da idéia de que, “*em mulher não se bate nem com uma flor*” chegamos ao cinismo desse gracioso estímulo ao sadismo. Mas é preciso cuidado, por que o gozo perverso é exigente, refina-se em sua habilidade de ferir, humilhar o outro, dando a isso ares de naturalidade. Do “*Tapinha não dói*” pode-se chegar à violência, a espancamentos, quem sabe, ditos normais, exigência de pulsões rebeldes e desenfreadas que deverão ser satisfeitas a qualquer preço, na cultura do “é proibido proibir”. Aí vale tudo, a banalização do outro como sujeito, o uso de seu corpo, a violência. Atitudes que conduzem a uma crescente incapacidade de admirar o outro. Razão por que ele é tornado coisa, objeto de uso. “*Tapinha não dói*” é também estímulo ao masoquismo: “não dói”, “é de leve”, “é como um carinho”, etc...

Além da enorme pobreza cultural veiculada pelos, “Tigrão, cachorras, despreparadas e tapinhas”, tem-se que repudiar o estado mental dessas produções, que são um vexame cultural agressivo à nossa subjetividade. Se a questão é de pele, o carinho, o toque o abraço, não doem, pelo contrário, são muito bons. Por que não deixar que a ternura, a paixão, continuem sendo mote inspirador de canções? Aonde iremos por esse caminho de tocar o outro com tapinha e não mais com afago? Se a questão é de diluir fronteiras entre o morro e o asfalto, penso que podemos fazer isso intercambiando nossas melhores porções e não nossas mediocridades. Causa perplexidade ver um grupo feminino cantando essa coisa tão desrespeitosa contra elas mesmas, que um público de crianças participe disso, dançando, dando-se tapinhas, transformando um gesto cultural que é de punição, em graciosa perversão. Antigamente o Marquês de Sade era para ser lido, mas hoje ele está ilustrado nas músicas, na telinha, os crimes sádicos acontecem em cada esquina de nossas vidas e assumem ares de coisa natural. É a perversão pretendendo ser normal.

Certos filmes e alguns programas de televisão são verdadeiros apelos à perversão. O gigantismo da imagem vem oferecendo perversões mais sutis, e substituindo nossos prazeres perversos mais primários. Feiticeiras, Tiazinhas, Enfermeiras, Sheilas, são apologias ao sadismo, ao fetichismo, ao masoquismo, exibicionismo e voyeurismo, tudo de uma forma tão *light* e brincante que pode parecer carece de minha parte referi-las como perversas.

Mas elas são perversas exatamente, em sua saborosa enganiosidade. É só no fundo de uma observação mais crítica que sabemos o quanto tudo isso serve apenas para ferir, magoar, menosprezar, humilhar as mulheres, e não valorizá-las. Na Sociedade do Espetáculo, a ânsia de aparecer e ter fama, é tão grande que as gloriosas artistas, preocupadas apenas com seus bumbuns, nem se dão conta do que semeiam ao se mostrarem como modelos, para as outras mulheres.

É sabido que a perversão é mais comum em homens do que em mulheres, embora mulheres possam ser tão perversas quanto os homens. Reprimidas como foram historicamente, as mulheres não costumavam expressar isso. Como em grande parte das culturas, a definição de masculinidade pautou-se pelo medo de ser feminino, a maior parte dos homens mascarou isso, expressando-se numa capacidade de ser cruéis, grosseiros, não comprometidos, não ternos. *“As mulheres não temem tornar-se menos fêmeas se íntimas dos homens, mas os homens temem fundir-se com as mulheres porque crêem que fazer isso ameaça sua masculinidade”* (Stoller, 1998: 48).

Talvez seja por isso que os homens evitam a contemplação e a substituem pela observação estética. E para satisfazê-los as mulheres plasmam seus corpos, modelam-se, reformam-se com plásticas e silicones, fazem-se “outros corpos” para esse tipo de gozo do homem. Para satisfazê-los o sistema produz consumos e propagandas que alienam e promovem um gozo ilusório. As propagandas de cerveja vendem seus produtos usando fotos das bundas de mulheres bonitas. Se a cerveja desce redonda (como as bundas), na inteligência de qualquer pessoa razoável, a idéia é quadrada, é perversa, é redutora, é recorte, é pedaço, é fetiche. A propaganda sugere o deslocamento da mulher de sua condição de pessoa para coisa, um objeto de uso voyeur. Observe-se que, tais propagandas servem para manter o *status quo* da dominação da mulher, sob o engodo de sua liberação e sua promoção. São abusivas, perversas e promovem a perversão. O Ministério da Saúde controla as propagandas de cigarro, mas lamentavelmente não controla as de bebidas, que parecem mais perversas, mais destrutivas. Para além do machismo, elas estimulam o exibicionismo nas mulheres, e o voyeurismo nos homens que gozam de ver bundas, mesmo que inacessíveis.

O gosto pelo perverso é histórico. Nada é realmente novo. As ruínas do Coliseu bradam aos céus pelas atrocidades sadomasoquistas ali praticadas. Em cada época da História a gente se deleitou em diferentes formas de violência. O escritor norteamericano James B. Twitchell (citado em Marcos, 1995) refere como exemplo paradigmático da profunda atração pelas imagens de violência, na cultura ocidental, a Paixão de Cristo, especialmente sua crucificação. No entanto já faz parte de nossa cultura, assistir anualmente o espetáculo da Paixão por ocasião da Semana Santa. Mas as imagens cinematográficas e televisivas evoluíram bastante, vêm substituindo, de certo modo, nossos patrícios romanos, o circo, a guilhotina. A indústria do cinema e TV

representam com mais ou menos realismo a variedade existente de violência entre as pessoas. “*La televisión es el primer medio de comunicación de masas verdaderamente democrático. Es el primer medio accesible a todo el mundo y gobernado por lo que quiere el pueblo. Lo más aterrador es lo que quiere el pueblo*”, diz James Twitchell (citado em Marcos, 1995).

Li num cartaz de um filme que “*Cinema ainda é a maior perversão*”, e fiquei me perguntando se *a perversão não é ainda a maior diversão!*

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARAGÃO, L.T. et al. in *Clínica do Social: ensaios*. Escuta, São Paulo, 1991.
- CALLIGARIS, C. *A sedução Totalitária*. In *Clínica do Social: ensaios*. Escuta, São Paulo, 1991.
- CLAVREUL, J. et al. *O Desejo e a Perversão*. Papirus, Campinas, SP, 1990.
- FREUD, S. *Una Teoria Sexual*, in *Obras Completas*. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid, 1967.
- HIRIGOYEN, M.-F. *Assédio Moral. A violência perversa no cotidiano*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000.
- STOLLER, J. R. *Observando a Imaginação Erótica*. Imago, Rio de Janeiro, 1998.